

ATLETA DE PARACICLISMO: UMA HISTÓRIA DE VIDA

¹ Ana Paula Martins Faborges, anamartinsfaborges@gmail.com

¹ Elder Jose de Oliveira, elder.jose1999@gmail.com

¹ Íris Adriane Santoro Cardoso, iris@fefiso.com

² Rubens Antonio Gurgel Vieira, rubensgurgel@ufla.br

¹ Faculdade de Educação Física de Sorocaba - SP

² UFLA - MG

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar e expor os caminhos e desafios enfrentados por um atleta de paraciclismo. Para isso, foi aplicada a metodologia da história oral de vida, seguindo de um roteiro com perguntas semiestruturadas seguida de um movimento de transcrição. O participante escolhido foi um paratleta da modalidade em questão e a análise do texto transcrito permitiu entender que as dificuldades encontradas, principalmente para romper a barreira inicial, tratam-se de desafios intensos, porém, os benefícios que o esporte pode vir a oferecer também é de grande valia. Nesse sentido, é possível concluir que a pessoa com deficiência em tela tem muitas dificuldades ao longo da vida em suas diversas fases, mas as inovações tecnológicas e a prática do esporte adaptado trouxe um novo sentido, potencializando a qualidade de vida não somente do paratleta, mas de todos à sua volta. Ainda que tal avaliação não seja amplamente generalizável, nos fornece indícios sólidos que tanto as dificuldades quanto os benefícios elencados possam ser partilhados pelos membros da comunidade de paraciclismo e que os avanços tecnológicos são fundamentais para a contínua inclusão de tais atletas.

Palavras-chave: Esporte; Paraciclismo; Pessoas com deficiência

Data de recebimento: 23/02/2022

Data de aceite: 25/06/2022

Data de Publicação: 30/06/2022

ATHLETE IN PARACYCLING: A LIFE STORY

¹ Ana Paula Martins Faborges, anamartinsfaborges@gmail.com

¹ Elder Jose de Oliveira, elder.jose1999@gmail.com

¹ Íris Adriane Santoro Cardoso, iris@fefiso.com

² Rubens Antonio Gurgel Vieira, rubensgurgel@ufla.br

¹ Faculdade de Educação Física de Sorocaba - SP

² UFLA - MG

ABSTRACT

This study aimed to analyze and expose the paths and challenges faced by a paracycling athlete. For this, the methodology of oral life history was applied, followed by a script with semi-structured questions followed by a transcreation movement. The chosen participant was a para-athlete of the modality in question and the analysis of the transcoded text allowed us to understand that the difficulties encountered, mainly to break the initial barrier, are intense challenges, however, the benefits that the sport can offer are also of great value. In this sense, it is possible to conclude that the person with disability on screen has many difficulties throughout life in its various stages, but technological innovations and the practice of adapted sport brought a new meaning, enhancing the quality of life not only of the para-athlete, but from everyone around you. Although this assessment is not widely generalizable, it provides solid evidence that both the difficulties and the benefits listed can be shared by members of the paracycling community and that technological advances are fundamental for the continued inclusion of such athletes.

Keywords: Sport; Paracycling; Disable person

INTRODUÇÃO

O objetivo geral deste estudo é analisar e expor os caminhos e desafios enfrentados por atletas de paraciclismo até chegar ao alto rendimento da modalidade. Para isso, realizamos uma história de vida oral com vistas a compreender melhor esse processo, buscando apoio na legislação vigente e em autores deste campo de estudo. Historicamente pessoas com deficiência sofreram inúmeras agruras, abandonos, perseguições e exclusão da sociedade de modo geral, em espaços públicos e/ou privados. Nos dias atuais, o problema da exclusão ainda é muito presente, no entanto, contamos com mais recursos para melhorar a condição de vida de quem sofre com alguma dessas adversidades, inclusive através da prática de atividade física e dos esportes.

De acordo com Schirmer *et al* (2007), a atividade física adaptada é reconhecida por ser uma área voltada para prática de atividades físicas de pessoas com deficiência, e o esporte

adaptado é aquele modificado de forma a melhor atender a essas pessoas (GORGATTI; COSTA, 2008). Os benefícios oferecidos pelo esporte podem ser relacionados às ideias de reabilitação social, motora e pessoal. É importante destacar o aumento da autoestima, autoconfiança, independência e principalmente a autoaceitação. Esses são pontos facilmente visualizáveis quando uma pessoa com deficiência passa a praticar atividades físicas, principalmente quando inseridas no seu próprio eixo: esportes adaptados.

Dentre as inúmeras formas de prática esportiva para pessoas com deficiência, o paraciclismo é um esporte paralímpico que pode ser praticado por pessoas com diferentes tipos de deficiência. Bression, Araújo e Pimenta (2014)¹, afirmam que o ciclismo paralímpico é bastante parecido com o ciclismo tradicional e os atletas que participam são pessoas com deficiências de tipo amputação, tetra ou paraplegia, paralisia cerebral ou deficiência visuais.

Portanto, entende-se que o paraciclismo é um esporte adaptado de alto rendimento, sendo uma modalidade vinda do ciclismo e que conta com adaptações necessárias para pessoa com deficiência física/motora, visual e/ou intelectual (FERREIRA, 2016). O paraciclismo surgiu no ano de 1980, inicialmente sendo praticado somente por pessoas com deficiência visual. Pouco tempo depois, no ano de 1984, durante a paralimpíada de Nova Iorque, os paralisados cerebrais e os amputados foram inclusos à modalidade. No entanto, apenas em 1996, na paralimpíada de Atlanta, foi inclusa a regra de classificação das deficiências por categoria para a participação de competições da modalidade. De acordo com a Rede Nacional do Esporte (2019)², somente em 2000 a *handbike* foi exibida pela primeira vez na cidade de Sidney.

A estreia do Brasil na modalidade se deu através do paratleta Rivaldo Gonçalves Martins, em 1992, que foi o primeiro atleta brasileiro a se tornar campeão mundial, em 1994, na Bélgica. A primeira conquista brasileira em paraolimpíadas foi adquirida por Lauro Chaman, no Rio 2016, sendo duas medalhas, uma prata e um bronze (COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2019)³. No Parapan-Americano de Lima 2019, a equipe brasileira de paraciclismo conquistou um total de oito medalhas, sendo essa, a melhor participação da equipe até o momento atual. Esse resultado pôde confirmar a ascensão desse esporte em âmbito nacional e internacional.

Vejamos como a construção de pessoas com deficiência se dá através da legislação, o

¹ Disponível em: http://www.swge.inf.br/PDF/POSMEC2014-0074_16619.PDF. Acesso em: 15/05/2019.

² Disponível em: <http://rededoesporte.gov.br/pt-br>. Acesso em: 06/09/2019.

³ Disponível em: <http://www.cpb.org.br/modalidades/58/ciclismo>. Acesso em: 06/09/2019.

Artigo 4º do Decreto nº 3.298 de 1999 da legislação brasileira, define a deficiência física como:

[...] alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções.

Por sua vez, as deficiências são definidas por Amiralian *et al.* (2000, p. 98)⁴ como:

Perda ou anormalidade de estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica, temporária ou permanente. Incluem-se nessas a ocorrência de uma anomalia, defeito ou perda de um membro, órgão, tecido ou qualquer outra estrutura do corpo, inclusive das funções mentais.

Vemos os avanços legislativos no Brasil através da Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, em que foi instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa Com Deficiência - Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015). Esses avanços são de grande importância, pois a pessoa com deficiência é vista como um cidadão que deve ter seus direitos assegurados e garantidos, não mais tratada como uma anormalidade e sim como uma pessoa que possui algumas limitações que não a definem. Nesse sentido, avançamos de um modelo médico, biológico, reducionista em que a deficiência vem a frente da pessoa para um outro paradigma social que entende a pessoa com deficiência como um todo, a partir de suas potencialidades e não limitada à sua deficiência.

Há, portanto, vários tipos de deficiência, mas podemos elencar, de maneira geral, três delas: visual, intelectual e física. A primeira pode ser definida pela perda ou redução da capacidade visual, em ambos os olhos ou em apenas um (ABEL *et al.*, 2010), variando entre baixa visão, próximo a cegueira e cegueira. Em outro exemplo, para Gorgatti e Costa (2008), é a redução da capacidade de compreender, aprender e aplicar informações novas e complexas, acarretando o prejuízo das funções cognitivas, e linguagem, de habilidades motoras e capacidades sociais. Por fim, a deficiência física pode ser descrita como um comprometimento de funções físicas e motoras, dadas por amputações, má formação ou deformações de membros ou órgãos (PEREIRA, 2014).

Para entender o paraciclismo, é preciso primeiramente saber que "os atletas podem competir em quatro tipos de bike, de acordo com a deficiência: convencional, triciclo, tandem e *handbike*. O site Vá de Bike (2019)⁵, define a *handbike* como:

⁴ Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v34n1/1388.pdf>. Acesso em 27/05/2019. Acesso em: 26/05/2019.

⁵ Disponível em: <http://vadebike.org/2012/08/handbike-handcycle-bicicleta-inclusiva/>. Acesso em: 10/09/2019.

(...) um tipo de bicicleta pedalada com as mãos, em posição sentado (passeio) ou deitado (esportiva). Adequada a pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, possui muitas semelhanças com uma bicicleta tradicional do tipo reclinada, tendo como diferença fundamentais a estrutura de três rodas e, claro, a posição dos pedais.

Para se falar da adesão de pessoas com deficiência ao esporte adaptado, é necessário entender também quem é o praticante, ou seja, o atleta. Barbanti (2011, p. 42), define o atleta como “aquele que compete em esportes organizados, estruturados. Popularmente diz-se das pessoas que adquiriram força e habilidades por meio de exercício e de treinamento”. O imaginário social posiciona o atleta como um ídolo nas mídias sociais e exemplo do desempenho corporal, entretanto atletas de modalidades paralímpicas costumam ficar à margem dessa representação, abstraídos do tecido social. Diante das informações apresentadas, questionamos: quais são os caminhos e desafios que uma pessoa deficiente enfrenta até chegar ao esporte de alto rendimento dentro da modalidade do paraciclismo?

1 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Aplicamos uma metodologia inspirada na história de vida oral embasado em Meihy e Holanda (2010), a partir de uma entrevista com um atleta paraolímpico de paraciclismo, buscando conhecer a sua perspectiva dos acontecimentos e a história da sua inserção nesse mundo, construindo um modo de ampliar e dar exposição aos conhecimentos de quem vive essa modalidade esportiva na prática.

É importante ressaltar que existem diversas ramificações no campo de estudos/disciplina denominada história oral. Dentre as principais estão: história oral temática, tradição oral e história oral de vida, sendo esta última o modelo utilizado neste estudo. De forma simplificada, na primeira delas ouve-se personagens que tenham dividido uma experiência, de modo que de tudo o que relatam, com o material de análise, focar-se-á no tema delimitado no projeto da pesquisa. Na segunda forma, a atenção recai sobre os conhecimentos que atravessam gerações dentro de uma cultura específica. Para os nossos propósitos, a terceira opção era a mais adequada, pois essa ramificação constitui-se de uma narrativa que busca relatar a trajetória existencial de uma pessoa.

Na história oral de vida, a subjetividade do participante é essencial, sendo independente das provas objetivas. As narrativas desta entrevista podem ser inspiradas nos fatos que a compõem, mas também está aberta aos demais acontecimentos da entrevista, isto é, dar vazão

e potencializar o que surgir e não se prender as perguntas pré-estabelecidas. Uma narrativa ainda é essencial no que não diz, na sua quietude, falha ou distração. É principalmente esta peculiaridade que nos interessa nas narrativas obtidas. Meihy e Holanda (2010), explicam que a história oral se inicia com a criação de um modelo de projeto que possui um entrevistador e uma população a ser entrevistada, população essa, que pode ser de uma só pessoa ou de várias. Nesse modelo de projeto, o entrevistador é responsável por coordenar a pesquisa e sua amostra, ou seja, a população.

É de extrema importância que a entrevista seja gravada e depois transcrita, a fim de evitar que as respostas sejam esquecidas ou tenham seu sentido alterado, portanto, deve-se realizar a elaboração de alguns protocolos antes de realizar a entrevista. Dentre os fatores a serem considerados estão o tempo de duração estimado, local, condução da entrevista, tipo de gravação a ser realizada e método de transcrição, conferência e arquivamento dos dados. Além disso, deve-se haver o cuidado de, no momento da publicação dos resultados obtidos, estes serem encaminhados primeiramente aos entrevistados (MEIHY; HOLANDA, 2010).

Em vista disso, a entrevista foi realizada com um atleta de paraciclismo com lesão medular adquirida. O participante foi entrevistado em sua própria residência no interior de São Paulo. Na entrevista utilizamos um roteiro semiestruturado, contendo dez perguntas relacionadas ao esporte paralímpico e os desafios já vividos. Todo o processo de entrevista foi concluído em 2 horas, que foi gravada e transcrita para arquivamento da mesma em ambiente virtual restrito, sendo aplicada posteriormente na discussão do trabalho em articulação com a literatura. Após a transcrição, o texto é submetido à uma nova etapa, denominada de *transcrição*. Neste momento, o texto transcrito em sua forma literal é submetido ao crivo do participante, para que este faça adaptações, correções, subtrações ou adições, sempre com o intuito de que a narrativa seja a mais próxima possível da subjetividade do entrevistado, tornando-o parte do processo. Tal atitude foi particularmente importante para esta pesquisa uma vez que nossos objetivos tratam justamente de expor os desafios experienciados pelos atletas paralímpicos.

2 - OS DESAFIOS DE UM PARACICLISTA

Um dos desafios mais prováveis que uma pessoa enfrenta até se tornar um atleta da modalidade em questão é vencer a barreira psicológica que se cria pós-trauma (acidente), no caso aqueles que não nasceram com a lesão. Como motivo de incentivo para a permanência,

além do prazer pela competição, pode-se citar a vida-social, os benefícios à saúde, qualidade de vida e a superação dos próprios limites diariamente (BERNARDES; YAMAJI; GUEDES, 2015).

Um estudo realizado por Teodoro (2006), aponta que os maiores desafios enfrentados por um paratleta no dia-a-dia estão relacionadas ao meio de locomoção, devido à escassez de acessibilidade nos transportes públicos, falta de infraestrutura para a prática esportiva, a dificuldade de se encontrar profissionais de Educação Física qualificados para esse ramo e o alto custo financeiro de se manter a rotina de treinamentos.

Através da entrevista realizada para compor o estudo, os relatos da amostra confirmam as dificuldades expostas pela literatura. Chamam atenção as seguintes falas do participante da pesquisa:

A acessibilidade está bem atrasada, podemos ver que esse problema não é só da minha cidade, mas sim do município, do estado e do nosso país. Já tive a oportunidade de estar indo para outro país, aí a gente vê que a acessibilidade está muito à frente, e a gente volta todo encantado e querendo que um dia isso aconteça no nosso país (TRANSCRIÇÃO, p. 01⁶).

As adversidades enfrentadas pelos paratletas se iniciam, muitas vezes, ao sair de casa, quando não se possui nas ruas uma calçada devidamente nivelada e marcada para a circulação de todo e qualquer indivíduo. Vale ressaltar que a legislação brasileira, apesar de desde os anos 2000 se encontrar bastante inclusiva na questão da acessibilidade para garantir direitos fundamentais na forma da lei (BRASIL, 2000), não demonstra sua extensão à realidade vivida dos deficientes. Para Camisão (2003), “ser acessível é a condição que cumpre um ambiente, espaço ou objeto para ser utilizado por todas as pessoas”. Neste sentido, garantir acessibilidade urbana garante o direito de mobilidade de qualquer cidadão ou cidadã, sem nenhuma diferenciação.

Entretanto, não é isto que relata o paratleta entrevistado. Para ele, ir e vir em grandes distâncias também é um obstáculo enorme, pois, os transportes públicos e, muitas vezes, até os privados (táxis, motoristas de aplicativos e afins), pouco atendem às pessoas com deficiência. Um exemplo relatado é o transtorno gerado quando existe a necessidade de um cadeirante utilizar transporte público, isso quando não há o agravante do veículo coletivo não parar para evitar a adentrada do cadeirante. Normalmente, quando se pensa em situações de preconceito, imagina-se um ambiente ou serviço público, porém, além das dificuldades tradicionais com a

⁶ Entrevista realizada em 2020, na cidade de Sorocaba/SP.

acessibilidade, o entrevistado afirma que também já passou situações de preconceito e discriminação em transportes particulares: “eu já sofri preconceito no táxi, ele não quis me levar por causa da minha cadeira de rodas”.

A esse respeito, ainda é possível nos depararmos com diversas situações de preconceito em relação às pessoas que possuem algum tipo de deficiência, fato ligado ao motivo de vivermos numa sociedade cuja cultura é muito excludente. Nesse aspecto vemos a tecnologia é uma ferramenta potente para a construção positiva da pessoa com deficiência através da mídia pode contribuir para desmistificar e quebrar preconceitos que ocorre no cotidiano. No estudo realizado por Benfica (2012), é possível encontrar diversos relatos de adversidades que estão muito ligados a diversas situações de preconceito, como, por exemplo, o mau trato em filas prioritárias, discriminação na compra de automóveis, tratamentos pejorativos na escola e outras situações principalmente em espaços públicos. A falta de acessibilidade é uma realidade do nosso país, pois a grande maioria dos estabelecimentos e até dos espaços públicos ainda não estão preparados para receberem pessoas com deficiência e mobilidade reduzida.

Na mesma direção, o atleta entrevistado relata quanto à hospedagem em viagens para competição que encontrar estabelecimentos com dormitórios e banheiros acessíveis é muito difícil. Quando vai acontecer uma competição, onde um número grande de atletas deve ficar hospedados em uma mesma cidade, gera-se uma situação de extremo estresse, causando uma procura intensa por dormitórios adaptados, que, não raro, são insuficientes nesses locais. Vemos aqui outro potencial que a tecnologia tem para criar ambientes, estruturas e equipamentos mais acessíveis para todas as pessoas.

Além do preconceito vivido diariamente, a situação financeira se transforma também num fator crucial para a entrada e permanência do atleta na modalidade, algo que vai além do paradesporto. No estudo realizado por Benfica (2012), afirma-se que a maior dificuldade inicial é justamente a dificuldade monetária, pois, esportes de alto rendimento, por diversas vezes geram também um alto custo aos seus praticantes. O aporte financeiro é um dos grandes responsáveis para a adesão, permanência ou evasão de um atleta no esporte de alto rendimento. Em meio a entrevista, uma das perguntas estava relacionada a este tipo de apoio e que o participante explica que o custo do esporte de alto rendimento no paraciclismo é muito elevado:

A gente tem uma dificuldade: equipamentos são caros, manutenção cara, nós temos que viajar o Brasil inteiro de avião né!? A maior parte das nossas viagens é feita de avião, então são vários estados do Brasil que a gente percorre durante o ano e são custos elevados e o retorno é muito pequeno perto do que a gente gasta. Então a

importância do apoio das empresas da iniciativa privada e pública é enorme (TRANSCRIÇÃO, p.02).

Os relatos apresentados no estudo de Benfica (2012), e corroborados pelo entrevistado, deixam claro que os empresários procuram por atletas já formados para patrocinar e/ou apoiar, o que dificulta a carreira daqueles que estão iniciando no esporte, deixando claro, muitas vezes, a falta de incentivo financeiro.

Dentre todos os desafios encontradas pelos paratletas, um dos mais elevados é a falta de profissionais qualificados. A pesquisa de Benfica (2012, p. 64), expõe o relato de um atleta, que diz “a maior dificuldade é de você encontrar profissional capacitado para trabalhar, que queira trabalhar, que se dedique, que faça com amor, que faça com carinho. Não só pelo dinheiro”. Quando questionado sobre o profissional de Educação Física, o entrevistado afirma:

A importância do profissional de Educação Física é fundamental pra gente tá seguindo os treinamentos corretamente fazendo os exercícios e da forma correta, seguindo as planilhas de treino passando todo o feedback porque quando a gente fala em esporte adaptado em esporte de alto rendimento não é só simplesmente fazendo aleatório ou da maneira que a gente acha que tem que ser, eu escutei muito isso, sem um profissional a gente não chega a lugar nenhum, e justamente eu tenho um profissional que me monitora, que tá junto que é um parceiro, passa todas as planilhas e que eu consigo seguir certinho e dá todo o feedback pra ele então é fundamental mesmo (TRANSCRIÇÃO, p.02).

Outro fator que deve ser considerado é a mídia, que é um meio muito importante para divulgação esportiva. Diversos paratletas relatam que foi através da divulgação das Paraolimpíadas do ano de 2004 que conheceram o paradesporto, gerando, assim, o interesse de adentrarem nas práticas esportivas. Em vista disso, podemos analisar o relato do entrevistado:

É depois da paralimpíada em 2016 a mídia voltou mais os olhos para o esporte paralímpico. Hoje temos o centro paralímpico, o maior da América Latina. Então a mídia voltou agora os olhos para o esporte adaptado e também lógico tanto por mérito dos paratletas por ter conseguido muitas medalhas. Então graças a Deus a mídia tá olhando um pouquinho mais para a gente, mas em relação aos outros países ainda estamos bem atrás (TRANSCRIÇÃO, p.04).

Entretanto, é notável a diferenciação entre as coberturas do esporte olímpico e o esporte paralímpico. Novais e Figueiredo (2010) já anunciavam há mais de dez anos que a abordagem das televisões no Brasil e em Portugal privilegiavam as Olimpíadas, além de estereotipar o atleta paralímpico negativamente ao rebaixar sua condição de alto rendimento. Muitas vezes buscava-se audiência transformando as Paralimpíadas em algo exótico. Apesar dos avanços,

Maurício e Lamim (2021) relatam, mais de uma década depois, que a distância entre os eventos na cobertura midiática ainda é extremamente significativa. Desse modo, surgem alguns tensionamentos: quais são os critérios para ser reconhecido na mídia? Esses critérios são iguais para todos? É preciso vitórias e medalhas? Que tipo de modalidade e corpo circula na mídia? Faz-se importante ressaltar que estamos entendendo a mídia enquanto uma arena de disputa por significados e representações, que pode ser tanto um meio facilitador quanto um meio dificultador e preconceituoso, por isso é importante estar e ocupar os lugares para possuir mais visibilidade e criar uma imagem positiva.

Como abordado acima, vemos que ao longo da história e também atualmente, a visibilidade dada às práticas esportivas não convencionais é muito escassa a ponto de causar grande frustração nos paratletas, desistência e até mesmo nem se quer ter vivência com alguma modalidade. Vemos aqui outro embate importante, pois o atleta de alto rendimento não surge do nada, é preciso ter um investimento anterior, mas sem perder de vista o esporte adaptado na esfera educacional e lazer, isto é, proporcionar espaços que buscam mais do que revelar atletas, mas que investem na formação de pessoas que convivem, jogam, brincam, se divertem. Além disso, a veiculação de imagens tidas como vencedoras restritas aos atletas sem deficiência é uma forma de silenciamento de outros corpos, outras formas de existir.

Diante de todos os obstáculos enfrentados diariamente, o estado psicológico e emocional do atleta deve ser bem preparado. Segundo Andrade e Brandt (2008), no Brasil não há valorização necessária para se trabalhar com o psicológico e o emocional, diferente dos fatores técnicos, táticos e físicos. Talvez seja pelo fato de existir uma carência muito grande de profissionais e estudos sobre a psicologia do esporte, se agravando ainda mais quando se trata de esporte para pessoas com deficiência. Em seu estudo, Andrade e Brandt (2008, p. 1), explicam:

A psicologia do esporte estuda o comportamento dos indivíduos em situações de prática desportiva e também os efeitos que a participação em atividades físicas, competitivas e recreativas pode ter em seus praticantes e outros fenômenos que a ela pode-se associar (TRANSCRIÇÃO, p.07).

Sabe-se que existem diversos testes e metodologias da psicologia do esporte que são aplicados nos atletas com objetivos de melhoras quantitativas e qualitativas de seu desempenho, porém, é nítida a falta dessas metodologias e testes para atletas com deficiência. Os profissionais da área passam muito tempo adaptando essas ferramentas, porém, elaborar uma ramificação da psicologia esportiva voltada ao paradesporto seria suficiente, sem a necessidade

de se criar algo diferente, apenas que contemplasse o atleta, lembrando que o mesmo possui alguma deficiência (ANDRADE; BRANDT, 2008). O entrevistado relata:

Eu costumo dizer que depois do meu acidente que eu fui me tornar um atleta, infelizmente ou felizmente né, então, eu falo que o esporte na minha vida foi a melhor coisa que aconteceu. Era um cara que levava uma vida sedentária e a gente não tinha tanto recurso. E aqui na nossa cidade, na nossa região, o esporte paralímpico estava começando ainda, então o esporte na minha vida, hoje, é o que eu sei fazer, é o que eu gosto de fazer. Já pratico várias modalidades né: faço atletismo, faço paraciclismo, faço handebol em cadeira de rodas e o esporte agora para mim é minha profissão, então eu amo o que eu faço. E o esporte é vida né, deixei de ser sedentário, deixei de estar fazendo esporte por inclusão, ou comecei no esporte por inclusão até chegar no esporte de alto rendimento então eu acho que isso para mim é maravilhoso, fora a saúde qualidade de vida que a gente tem né, o convívio e viajar o país fora do país conhecer pessoas, então eu falo que o esporte mudou a minha vida (TRANSCRIÇÃO, p.05).

Portanto, é necessário ter consciência de que o esporte é algo que transforma as pessoas, porque além da questão de saúde física, também proporciona uma melhora da saúde emocional. Através da fala do participante, podemos entender que o sentimento se transforma: você deixa de ser apenas incluso naquele contexto, e passa a fazer parte de forma ativa. Andrade e Brandt (2008), levantam um questionamento importante a respeito do esporte e suas competições voltadas as pessoas com deficiência: como ocorre a real inclusão social desses atletas? Deve-se existir um cuidado imenso para que estes não sejam inclusos apenas por conveniência, enquanto ainda estão conquistando medalhas, trazendo a imagem da falsa inclusão. Defendemos que a preocupação não pode estar centrada apenas em reabilitar para conquistas esportivas, mas sim propor o esporte enquanto uma ferramenta para uma vida mais alegre, potente e pulsante.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficam evidentes os desafios ao longo da vida de uma pessoa com deficiência física em suas diversas fases, mas fica igualmente nítido que o esporte adaptado tem grande potencial de ser inclusivo através do alto rendimento, pois traz um novo sentido à vida. Diante dos relatos encontrados tanto na literatura, como na entrevista, a pesquisa evidencia: a falta de acessibilidade nos espaços públicos e privados; a escassez da formação e qualificação dos profissionais do esporte nas mais diversas áreas, também como pesquisas sobre tais temáticas; e, por fim, a dificuldade financeira que atletas paralímpicos enfrentam e que, na mesma via, notamos que a mídia não corrobora para mudar ao continuamente retratar o esporte paralímpico como algo exótico. Nesse sentido, defendemos a importância de investimentos, porém, em espaços para além do alto rendimento, sem ter exclusivamente a cobrança por títulos e

medalhas, pois o esporte adaptado pode ser relacionado à reabilitação social, motora e pessoal, funcionando como uma estratégia de promoção de saúde física e emocional, da autoestima, autoconfiança, independência e uma das principais: a autoaceitação, sendo estes os pontos mais visíveis quando uma pessoa com deficiência é inserida no mundo esportivo através da prática de atividade física.

REFERÊNCIAS

ABEL, Ted; et al. The exercise profile of an ultra-long handcycling race: the Styrke proven experience. **Revista Spinal Cord**, 48: 894-898, 2010. Disponível em <<https://www.researchgate.net/publication/43346070>>. Acesso em 03/09/2019.

AMIRALIAN, Maria Lucia Toledo et al. Conceituando deficiência. **Revista de Saúde Pública**, 34 (1): 97-103, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v34n1/1388.pdf>. Acesso em 27/05/2019. Acesso em: 26/05/2019.

ANDRADE, Alexandro; BRANDT, Ricardo. A psicologia do esporte aplicada a atletas portadores de necessidades especiais: reflexões epistemológicas, filosóficas e práticas. **Revista Digital – Buenos Aires** – Año 13 – N° 121 – Junho de 2008.

CAMISÃO, Verônica. de. **Manual para acessibilidade aos prédios residenciais da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: PMRJ/FUNLAR/CVI Rio/IBAM, 2003.

BARBANTI, Valdir José. **Dicionário de educação física e esporte**. 3 ed. Barueri, SP: Manole, 2011.

BENFICA, Dallila Tâmara. **Esporte Paralímpico: analisando suas contribuições nas (re)significações do atleta com deficiência**. Dissertação (Mestrado em Aspectos sócio-culturais do movimento humano; Aspectos biodinâmicos do movimento humano) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG 2012.

BERNARDES, Andrea Gomes; YAMAJI, Bruna Hatsue Santos; GUEDES, Dartagnan Pinto. Motivos para prática de esporte em idades jovens: um estudo de revisão. **Motricidade**, Edições Desafio Singular, 2015, vol. 11, n. 2, pp. 163-173.

BRASIL. Casa Civil. Regulamentação da Lei nº7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Brasília, Distrito Federal, 1999. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA

%203.298%2C%20DE%2020,prote%C3%A7%C3%A3o%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs. Acesso em: 27/05/2019.

BRASIL. Secretaria Geral. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa Com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília, Distrito Federal, 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em 01/06/2022.

BRASIL. Casa Civil. Lei de promoção de acessibilidade. Brasília, Distrito Federal, 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10098.htm. Acesso em 08/06/2022.

BRESSION, Vincent Jean Claude; ARAÚJO, Cleudmar Amaral de; PIMENTA, Eduardo Ramos. **HBIKE-MIX-Novo Equipamento para projeto de handbike**. Simpósio de Programa de pós-graduação em Engenharia mecânica. Uberlândia, MG: Posmec, 2014. Disponível em: http://www.swge.inf.br/PDF/POSMEC2014-0074_16619.PDF. Acesso em: 15/05/2019.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Ciclismo**. Disponível em: <http://www.cpb.org.br/modalidades/58/ciclismo>. Acesso em: 06/09/2019.

FERREIRA, Mariane. **Quem quer andar de Bicicleta?** 1 ed. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2016.

GORGATTI, Marcia Greguol; COSTA, Roberto Fernandes da. **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. 2.ed. Barueri, SP: Manole, 2008. 660p.

MAURÍCIO, Alex Aryel Ribas; LAMIM, Josiane Batista. Território, esporte e mídia: Jogos olímpicos e paralímpicos de 2016 retratados na página oficial do facebook - ministério do esporte. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v.4, n.5, p. 18686-18717 sep./oct. 2021

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2010.

NOVAIS, Rui Alexandre; FIGUEIREDO, Tatiane Hilgemberg. A visão bipolar do pódio: olímpicos versus paraolímpicos na mídia on-line do Brasil e de Portugal. **Comunicação e Esporte**. Vol.17, Nº02, 2º semestre 2010

PEREIRA, Rodrigo Roncato. **O Papel da Variação do Número de Cópias Genômicas no Fenótipo Clínico de Deficiência Intelectual em uma Coorte Retrospectiva da Rede**

- Pública de Saúde do Estado de Goiás.** 2014. 118 f. Tese (Doutorado em Biologia) – Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2014.
- REDE NACIONAL DO ESPORTE. **Ciclismo.** Disponível em: <http://rededoesporte.gov.br/pt-br>. Acesso em: 06/09/2019.
- SCHIRMER, Carolina Rizzotto; et al. **Atendimento Educacional Especializado em Deficiência Física.** Brasília, DF: Gráfica e Editora Cromos, 2007. 129p.
- TEODORO, Célia Maria. **Esporte adaptado de alto rendimento praticado por pessoas com deficiência:** relatos de atletas paraolímpicos. 135 p. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.
- VÁ DE BIKE. **Handbike, uma bicicleta inclusiva.** Disponível em: <http://vadebike.org/2012/08/handbike-handcycle-bicicleta-inclusiva/>. Acesso em: 10/09/2019.